

O filme *[DOIS PAPAS]* é uma bela metáfora da condição humana, de duas pessoas com modos diferentes de realizar a humanidade, que não se opõem, mas que se compõem e se completam, uma com a ternura e a outra com o rigor. Vale a pena ver este filme, pois nos faz pensar e nos proporciona lições de mútua escuta, de verdades ditas sem rebuscos, e de uma amizade que vai crescendo, na medida em que a relação se descontrai de encontro para encontro. O perdão que um oferece ao outro e o abraço final, longo e carinhoso, engrandece o humano e o espiritual presentes em cada um de nós.

Leonardo Boff



dois papas:  
modelos de homem,  
modelos de Igreja

Acabei de assistir ao filme do consagrado cineasta brasileiro Fernando Meirelles: Dois Papas.

Considero o filme, técnica e esteticamente, bem elaborado, feito nos próprios espaços grandiosos do Vaticano. Baseia-se em factos históricos, evidentemente, com a criatividade que este tipo de arte permite, particularmente na construção dos diálogos. Mas neles se entremem as suas respetivas teologias e conhecidas afirmações.

## **O papa Ratzinger: finíssimo e rigoroso**



Para com o Prof. Joseph Ratzinger tenho uma dívida de gratidão por ter apreciado a minha tese de doutoramento sobre “A Igreja como Sacramento Fundamental no Mundo secularizado”, volumosa, com mais de quinhentas páginas impressas. Ajudou-me financeiramente com uma soma considerável de marcos, e encontrou uma editora para a sua publicação, pois ninguém queria assumir o risco de lançar uma obra daquela envergadura. Foi muito bom o acolhimento na comunidade teológica internacional, e o meu livro foi considerado uma obra fundamental, especialmente pelo famoso especialista em Igreja, Jean Yves Congar, dominicano francês.

O Prof. Ratzinger é uma pessoa finíssima no trato, extremamente inteligentem e nunca o vi elevar o tom de voz; mas é muito tímido e reservado.

Ao saber da sua eleição para papa, pensei: “É um papa que vai sofrer muito, pois talvez nunca tenha abraçado nenhuma pessoa, nem mesmo uma mulher, nem nunca se tenha exposto às multidões”.

A nossa amizade fortaleceu-se porque, durante cinco anos, a partir de 1974, em cada semana de Pentecostes (por alturas do mês de maio), cerca de vinte e cinco teólogos e teólogas progressistas,

O que afirmo, limita-se a uma opinião estritamente pessoal. Tive o privilégio de conhecer ambos os papas, pessoalmente, e com eles mantive, e mantenho, relações de certa proximidade e, até, amizade.

conhecidos em todo o mundo, nos encontrávamos em Nimega, na Holanda, ou noutra cidade europeia. Durante uma semana discutíamos, ecumenicamente, acompanhados por um pequeno grupo de cientistas, inclusive de Paulo Freire, sobre temas relevantes do mundo e da Igreja. Editávamos uma revista *Concilium* publicada em sete línguas, e que ainda continua a ser publicada (no Brasil, pela Editora Vozes). Nela colaboraram as melhores cabeças mundiais, nas várias áreas do conhecimento que vai da sexualidade, da Teologia da Libertação, à moderna cosmologia.

O Prof. Ratzinger sentava-se, quase sempre, ao meu lado. Depois do almoço, enquanto quase todos se retiravam para uma sesta, passeávamos os dois pelo jardim, discutindo temas de teologia, os nossos

preferidos, Santo Agostinho e São Boaventura, dos quais li praticamente toda obra, e sobre os

quais ele é um reconhecido especialista.

### **Cada um desempenhando o seu papel sem perdermos a relação**

Nomeado cardeal e presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, teve a ingrata missão de me interrogar sobre o livro *Igreja: carisma e poder* em 1984. Cumpriu, institucionalmente, a sua função de interrogador, e eu a de defensor das minhas opiniões. Foi um diálogo firme, mas sempre elegante da parte dele, mesmo quando, após o interrogatório, tivemos um encontro, já mais duro, com ele e os cardeais brasileiros Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Aloysio Lorscheider, que me acompanharam em Roma e testemunharam a meu favor. Éramos três contra um. Devo reconhecer que ele se sentiu constrangido.

Passado um ano, recebi o resultado do processo doutrinário, com a deposição da cátedra de teologia, das minhas funções na Editora Vozes, e a imposição de um “silêncio obsequioso” que me impedia de falar, de ensinar, de dar entrevistas e de publicar seja o que for. A decisão final após o interrogatório foi elaborada por treze cardeais (treze para desempatar). Soube mais tarde, através de um emissário do seu secretário particular que ele, cardeal Ratzinger, votou a meu favor, mas com um voto vencido. Cabe dizer que sempre que os jornalistas lhe pediam notícias minhas, respondia, com certo humor, que eu sou “*ein frommer Theologe*” (um teólogo piedoso) que um dia iria aprofundar o meu verdadeiro caminho teológico.

O filme não retrata a figura fina e elegante que o caracteriza. Em determinada cena, Ratzinger levanta a voz e quase grita, o que me parece totalmente inverosímil e contrário ao seu caráter.

Apesar de estarmos, agora, em situações diferentes, ele papa retirado e eu um teólogo promovido a leigo, nunca deixámos de ser amigos. Aquando dos seus noventa anos, ao ser organizada uma *Festschrift* (um livro de homenagem), na qual muitos notáveis escreveram, a seu pedido solicitaram-me que escrevesse o meu testemunho a seu respeito, o que fiz, com todo o prazer. A amizade é mais forte do que qualquer doutrina sempre humana.

### **O papa Francisco: terno, fraterno e inovador**



No que respeita a Jorge Mario Bergoglio, agora papa Francisco, diria o seguinte: conhecemo-nos

em 1972, no Colégio Máximo de San Miguel em Buenos Aires, ele percorrendo sobre a singularidade do caminho espiritual de Santo Inácio de Loyola, e eu sobre o caminho espiritual de São Francisco. Aí discutimos a vertente da teologia da libertação de tipo

argentino (do povo silenciado e da cultura oprimida), e a nossa, brasileira e peruana, (sobre a injustiça social e a opressão histórica sobre os pobres e afrodescendentes). Deste encontro há uma foto que ele, a partir de Roma, teve a gentileza de me enviar, onde aparece todo um grupo de teólogos e teólogas, a maioria já não

presente entre nós, alguns perseguidos e torturados pela repressão bárbara dos militares argentinos ou chilenos. Depois perdemo-nos de vista.

## **O papa Francisco: teólogo da libertação integral**

Soube pelo seu professor de teologia, recentemente falecido, Juan Carlos Scannone, o representante máximo da teologia da libertação argentina, que Bergoglio entrou para os Jesuítas como vocação adulta (era químico antes, como no filme se retrata). Entusiasmou-se imediatamente pela teologia da libertação de cariz argentino, e logo ali fez um voto que sempre cumpriu, mesmo enquanto cardeal de Buenos Aires: passar uma tarde por semana, ou mesmo um dia, numa favela (Villa miseria), sempre sozinho, entrando nas casas e conversando com toda a gente.

Foi Superior Provincial dos Jesuítas da região de Buenos Aires. Quando jovem, era muito rigoroso. Aqui teve de enfrentar uma situação gravíssima que lhe pesa no coração até aos dias de hoje: dois jesuítas, o padre Jalish e o padre Yorio (que conheci pessoalmente em Quilmes) viviam numa favela, prestando apoio a pobres e marginalizados. Os que trabalhavam com o povo, como no Brasil de 1964 (e talvez também hoje, sob o novo governo), eram considerados marxistas e subversivos. Eram vigiados pelos órgãos de segurança dos militares. Bergoglio soube que os padres iriam ser sequestrados e suportar as consequentes torturas. Tentou salvá-los, apelando, até, ao voto de obediência, típico da sua Ordem, no sentido de abandonarem a favela para não serem vítimas da repressão.

Eles argumentaram de forma evangélica: “um pastor não abandona o seu rebanho, o seu povo;

participa do seu destino; vale mais obedecer ao Deus dos pobres, do que obedecer a um superior religioso”.

Foram, efetivamente, sequestrados e duramente torturados. Jalish reconciliou-se com Bergoglio e vive na Alemanha, enquanto Yorio se sentiu abandonado e se distanciou dele (morreu no Uruguai, há alguns anos). Pude sentir a sua amargura pessoal, ao mesmo tempo que procurava entender as dificuldades que uma autoridade religiosa, com responsabilidades, enfrenta, em situações-limite. Mesmo assim, Bergoglio deu abrigo a muitas pessoas no Seminário Maior de San Miguel, ou as conduziu até à fronteira, a fim de escaparem duma morte certa.

## **O papa Francisco: o cuidado da Casa Comum**

Ao ser eleito papa, voltamos a estabelecer relação. Sabendo que eu estava, intensamente, ocupado com o tema da ecologia integral, envolvendo a Casa Comum, a Mãe Terra, solicitou-me

colaboração, o que fiz com assiduidade. Mas apressou-se a advertir-me: “não mande os textos

para o Vaticano, pois, não me serão entregues (o famoso *sotto sedere* da Cúria: sentar-se em cima dos assuntos e esquecê-los), mas envie-os diretamente ao embaixador argentino junto da Santa Sé, especialmente aquele que todos os dias, bem cedo, toma o chimarrão (*el mate*), comigo”. Assim procedi sempre, mesmo com textos sobre o Sínodo Panamazônico de 2019. Diz-se por aí que, na encíclica sobre o “Cuidado da Casa Comum”, surgem pensamentos e textos meus. A encíclica, porém, é do papa que é livre de consultar as pessoas que entender. Respondeu-me várias vezes a agradecer.

Ao escolher o nome de Francisco sob inspiração do seu amigo brasileiro, o cardeal Dom Cláudio Hummes, que lhe sussurrou o nome ao ouvido e lhe recordou a necessidade de não esquecer os pobres, transformou-se por completo. O rigor jesuítico uniu-se à ternura franciscana. Com os problemas internos da Cúria, a pedofilia, a corrupção financeira dentro do Banco do Vaticano, foi e é extremamente rigoroso. Pelo contrário, com o povo é visivelmente terno e fraterno.

Nenhum papa, antes dele, castigou tão

duramente o sistema que perdeu a sensibilidade, a solidariedade para com os milhões de pobres e famintos, a capacidade de chorar, e cujos mentores se transformaram em adoradores do ídolo dinheiro. Depredaram a natureza e são inimigos da vida e da Mãe Terra. Não precisamos de declarar a que sistema se refere o papa. A sua opção pelos pobres soa bem alto. Pelas suas posturas corajosas face à emergência ecológica da Terra, ao aquecimento global e à desumanização das relações humanas, ele tornou-se um líder religioso e político. A sua voz é ouvida e respeitada em todo o mundo.

## **Dois modelos de homem e dois modelos de Igreja**

O objetivo do filme é mostrar dois modelos de personagens religiosas e dois modelos de Igreja. Primeiro mostra como ambos, Ratzinger e Bergoglio, são humanos, profundamente humanos. Neste sentido, ambos possuem o seu lado luminoso, e também o seu lado sombrio. O Papa Bento XVI, a sua brandura com os pedófilos. Não devemos esquecer que foi ele que escreveu a todos os bispos, sob sigilo pontifício que nunca deve ser quebrado, no sentido de não entregarem os padres e os bispos pedófilos aos tribunais civis, pois isso seria desmoralizar a instituição Igreja. Os prevaricadores deviam, sim, confessar-se do pecado e ser transferidos para outro lugar. O papa não se apercebeu, suficientemente, de que não se tratava, apenas, de um pecado perdoável pela confissão. Tratava-se, sim, de um crime contra inocentes, que a justiça comum deve investigar e punir. Não se pensou nas vítimas, mas apenas na

salvaguarda da imagem da instituição Igreja.

O Papa Bento XVI colocou-se na esteira do João Paulo II que era, moral e doutrinariamente, conservador. Procurou relativizar o *arggiornamento* do Concílio Vaticano II (1962-1965). Via a Igreja como uma fortaleza sitiada por todos os lados por inimigos, isto é, pelos erros e desvios da modernidade. A solução que se propunha era a de voltar à grande disciplina

anterior, vinda do Concílio de Trento (século XVI) e do Concílio Vaticano I (1870). O fundamental era a ortodoxia e a sã doutrina, como se fossem as prédicas que salvassem e não as práticas. Nesta linha, o cardeal Joseph Ratzinger foi rigoroso: mais de cento e dez teólogos ou teólogas foram condenados, depostos das suas cátedras, silenciados (no Brasil Yvone Gebara e eu pessoalmente) ou, de alguma forma, punidos. Um deles, excelente teólogo, foi condenado sem que lhe fosse dada qualquer explicação. Ficou tão deprimido que pensou em suicidar-se. Só se curou quando foi para a América Central trabalhar com as comunidades eclesiais de base. Viveu-se um inverno eclesial severo. Toda uma geração de padres foi formada neste estilo doutrinário, e com os olhos voltados para o passado, usando os símbolos do poder clerical. Do mesmo modo, toda uma plêiade de bispos foram sagrados, para desempenharem mais o papel de autoridades eclesiásticas ortodoxas, do que de pastores no meio do seu povo.

O papa Francisco é um modelo de personalidade religiosa muito diferente. Oriundo do fim do mundo, de fora da velha e quase agónica cristandade europeia. Trouxe consigo uma primavera para a Igreja e para o mundo secularizado.

Primeiro que tudo, inovou no que respeita aos hábitos: ao negar-se a vestir a “*mozzeta*”, o pequeno manto branco, cheio de brocados, que os papas colocam sobre os ombros, símbolo do absoluto poder dos imperadores romanos pagãos: diz-se no filme claramente: “acabou-se o carnaval”; ao não aceitar a cruz dourada, e continuar com a sua cruz de ferro; ao rejeitar o sapatos vermelhos (Prada), e continuar com os seus velhos sapatos pretos; ao não se anunciar como papa da Igreja, mas como bispo de Roma e, somente a partir daí, papa da Igreja universal; ao animar a Igreja não com o direito canónico, mas com o amor e com a colegialidade (consultando a comunidade dos bispos); ao afirmar, na sua primeira palestra pública, que “gostaria de uma Igreja pobre para os pobres”; ao não morar no

palácio papal, por isso constituir uma ofensa ao *poverello* de Assis, mas numa casa de hóspedes; ao ir para a fila, na hora da refeição, como os outros, e comentar com humor: “assim é mais difícil envenenarem-me”; ao dispensar um carro especial e um corpo de proteção pessoal; ao misturar-se com o povo, dar as mãos a quem lhas estende e beijar as crianças; ao ser o pai e o avô querido das multidões.

O seu modelo de Igreja é o de “um hospital de campanha” que a todos atende, sem perguntar de onde vem e qual a sua situação moral. É uma “Igreja em saída” para as periferias humanas e existenciais. Respeita os dogmas e doutrinas, mas diz, claramente, que prefere colocar-se, vivamente, diante do Jesus histórico, opta pelo encontro direto com as pessoas e a pastoral da ternura. Insiste que Jesus veio para nos ensinar a viver o amor incondicional, a solidariedade e o perdão. Fundamental para ele é a misericórdia infinita de Deus. Vai, ainda, mais longe ao dizer: “Deus não reconhece uma condenação eterna, pois

isso seria perder para o mal. E Deus não pode perder. A sua misericórdia não conhece limites”. Por isso chama a todos, uma vez purificados das suas maldades, para a casa que o Pai e Mãe de bondade preparou para todos, desde toda a eternidade. Morrer é sentir-se chamado por Deus, é partimos alegres para o Grande Encontro.

Eis outro tipo de pontificado, outro modelo de ser humano que reconhece ter perdido a

paciência, quando uma mulher puxou por ele e lhe apertou longa e duramente a mão. Irritado, bateu-lhe na mão por duas ou três vezes. Mas no dia seguinte pediu, publicamente, perdão.

## Dois papas: diferentes e complementares



O papa Francisco abriu-se-nos inteiramente na sua humanidade, concedendo a si mesmo o direito à alegria de viver, de torcer pelo seu clube de estimação, o San Lorenzo, de apreciar a música dos *beatles* e, até, de conseguir que o papa Bento XVI dançasse um tango, coisa impensável num severo académico alemão. É aqui que nos surge, não o papa, mas o homem Bergoglio, capaz de desentranhar a humanidade recolhida do homem Ratzinger. São ambos diferentes, mas ambos se integram na dança de um tango de duas pessoas idosas

O filme é uma bela metáfora da condição

humana, de duas pessoas com modos diferentes de realizar a humanidade, que não se opõem, mas que se compõem e se completam, uma com a ternura e a outra com o rigor. Vale a pena ver este filme, pois nos faz pensar e nos proporciona lições de mútua escuta, de verdades ditas sem reboços, e de uma amizade que vai crescendo, na medida em que a relação se descontraí de encontro para encontro. O perdão que um oferece ao outro e o abraço final, longo e carinhoso, engrandece o humano e o espiritual presentes em cada um de nós.



LEONARDO BOFF é teólogo, filósofo e membro da Comissão Internacional da *Carta da Terra*

# O Segredo é Amar

O segredo é amar. Amar a Vida  
com tudo o que há de bom e mau em nós.  
Amar a hora breve e apetecida,  
ouvir os sons em cada voz  
e ver todos os céus em cada olhar.

Amar por mil razões e sem razão.  
Amar, só por amar,  
com os nervos, o sangue, o coração.  
Viver em cada instante a eternidade  
e ver, na própria sombra, claridade.

O segredo é amar, mas amar com prazer,  
sem limites, fronteiras, horizonte.  
Beber em cada fonte,  
florir em cada flor,  
nacer em cada ninho,  
sorver a terra inteira como o vinho.

Amar o ramo em flor que há de nacer,  
de cada obscura, tímida raiz.  
Amar em cada pedra, em cada ser,  
S. Francisco de Assis.

Amar o tronco, a folha verde,  
amar cada alegria, cada mágoa,  
pois um beijo de amor jamais se perde  
e cedo refloresce em pão, em água!

Fernanda de Castro (1900-1994).

Foi uma poetisa, romancista, dramaturga e tradutora portuguesa.  
in *"Trinta e Nove Poemas"*